



FAMÍLIAS EXTENSAS E O CUIDADO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

UM LEVANTAMENTO COM BASE NA PNAD CONTÍNUA
2023 E NO CENSO 2022

2º. WEBINAR GIN-FE

02-07-2025

O cuidado por famílias extensas – importância e reconhecimento

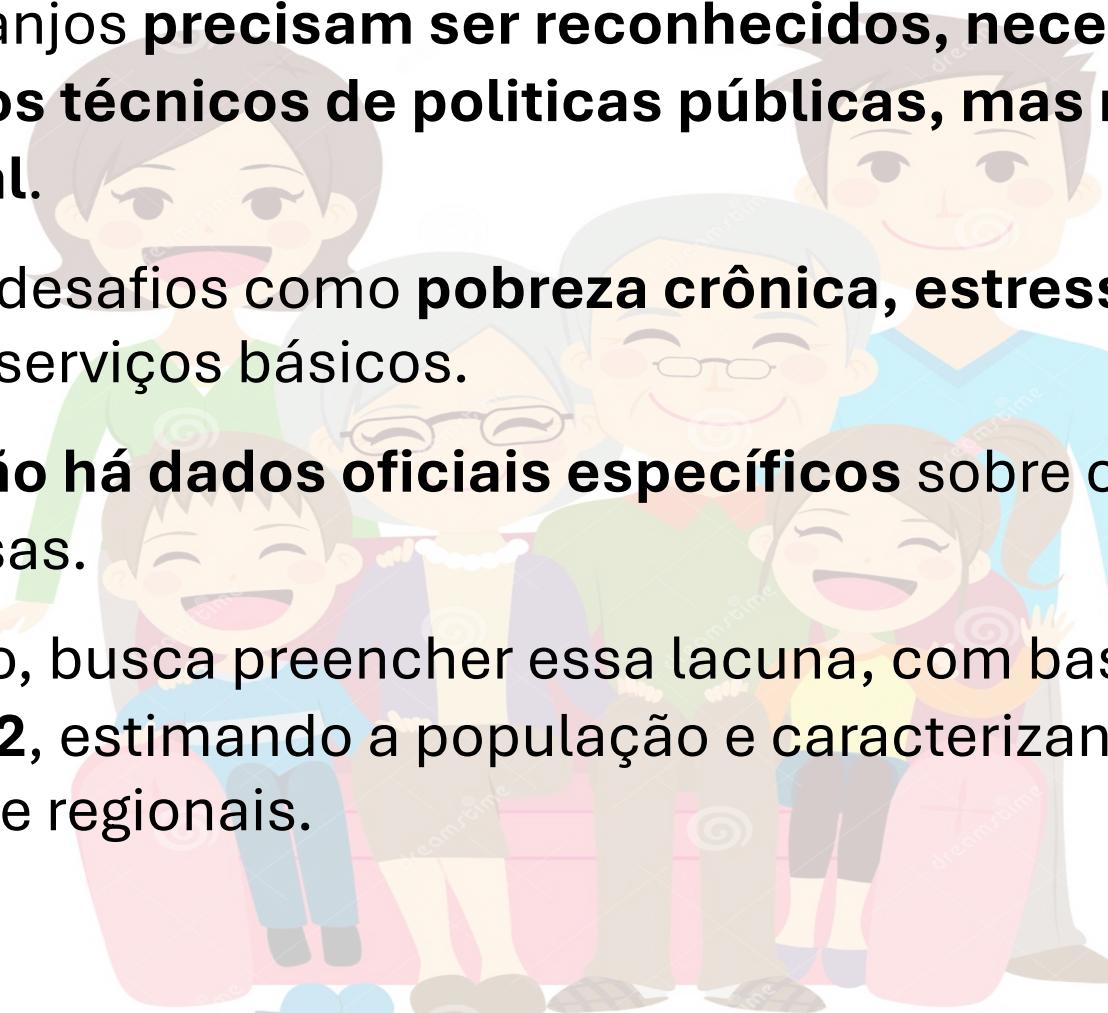
- Segundo o **Guia Internacional (2025)**, o cuidado por membros da família extensa ou pessoas próximas é essencial para o **bem-estar, desenvolvimento e sobrevivência** de milhões de crianças no mundo.
- Deve ser a **primeira alternativa considerada** quando os pais não podem exercer seus papéis.
- Apesar disso, **ainda carece de políticas públicas específicas** para seu fortalecimento.

Contexto brasileiro e práticas históricas

- No Brasil, há uma **tradição histórica de circulação de crianças** entre parentes, sobretudo nas classes populares (Del Priore, 1997).
- Essa prática é marcada pela **solidariedade familiar** e pela cooperação intergeracional.
- O cuidado é frequentemente exercido por **avós, madrinhas, tios e membros da comunidade ampliada**, com destaque para o papel das mulheres.
- Não se trata de improviso, mas de uma **resposta culturalmente reconhecida e funcional**, com forte legitimidade social.

Desafios e Justificativa para a Realização de Levantamento

- Muitos desses arranjos precisam ser reconhecidos, necessitam visibilidade para pensar apoios técnicos de políticas públicas, mas não necessariamente formalização legal.
- Alguns Enfrentam desafios como **pobreza crônica, estresse, saúde mental e falta de acesso** a serviços básicos.
- No Brasil, ainda **não há dados oficiais específicos** sobre crianças e adolescentes em famílias extensas.
- Esse levantamento, busca preencher essa lacuna, com base na **PNAD Contínua 2023** e **Censo 2022**, estimando a população e caracterizando aspectos socioeconômicos e regionais.



Quem são?

- Segundo dados da PNADC Anual (2023), **estima-se que 7,3 milhões de crianças e adolescentes viviam em famílias extensas ou com pessoas próximas — o que representa 13,9% da população de 0 a 17 anos no Brasil.**
- Dentre esses arranjos, **81,9% eram netos(as), 13,6% outros parentes, 3,4% bisnetos(as) e 1,2% agregados(as).**
- Chama atenção o número expressivo de '**outros parentes**' (**quase 1 milhão**), o que reforça a diversidade dos arranjos familiares e a importância de seu reconhecimento nas políticas públicas.
- A **categoria de agregados(as)**, ainda que pequena, **pode envolver situações delicadas, como guarda informal e acolhimento espontâneo, exigindo atenção especial dos sistemas de proteção**

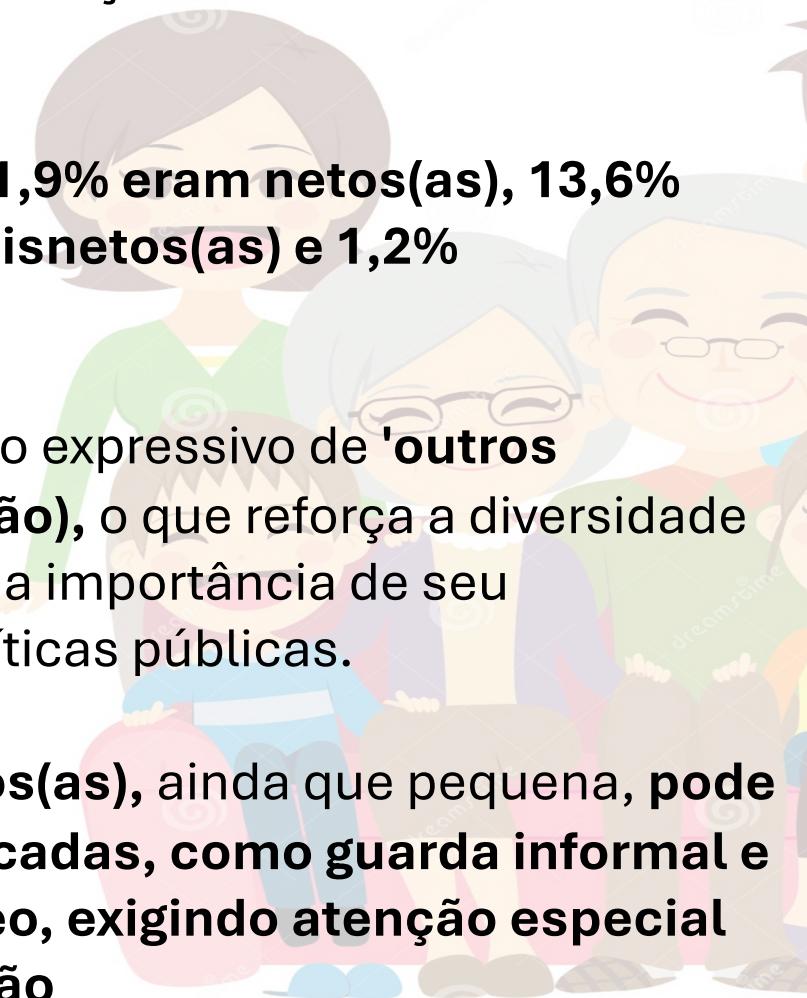


Tabela 1 – Parentesco com o responsável

Parentesco	Quantidade	%
Neto(a)	6.005.328	81,9%
Outro parente	994.420	13,6%
Bisneto(a)	245.828	3,4%
Agregado(a)	84.374	1,2%
Total	7.329.950	100%

Faixa Etária

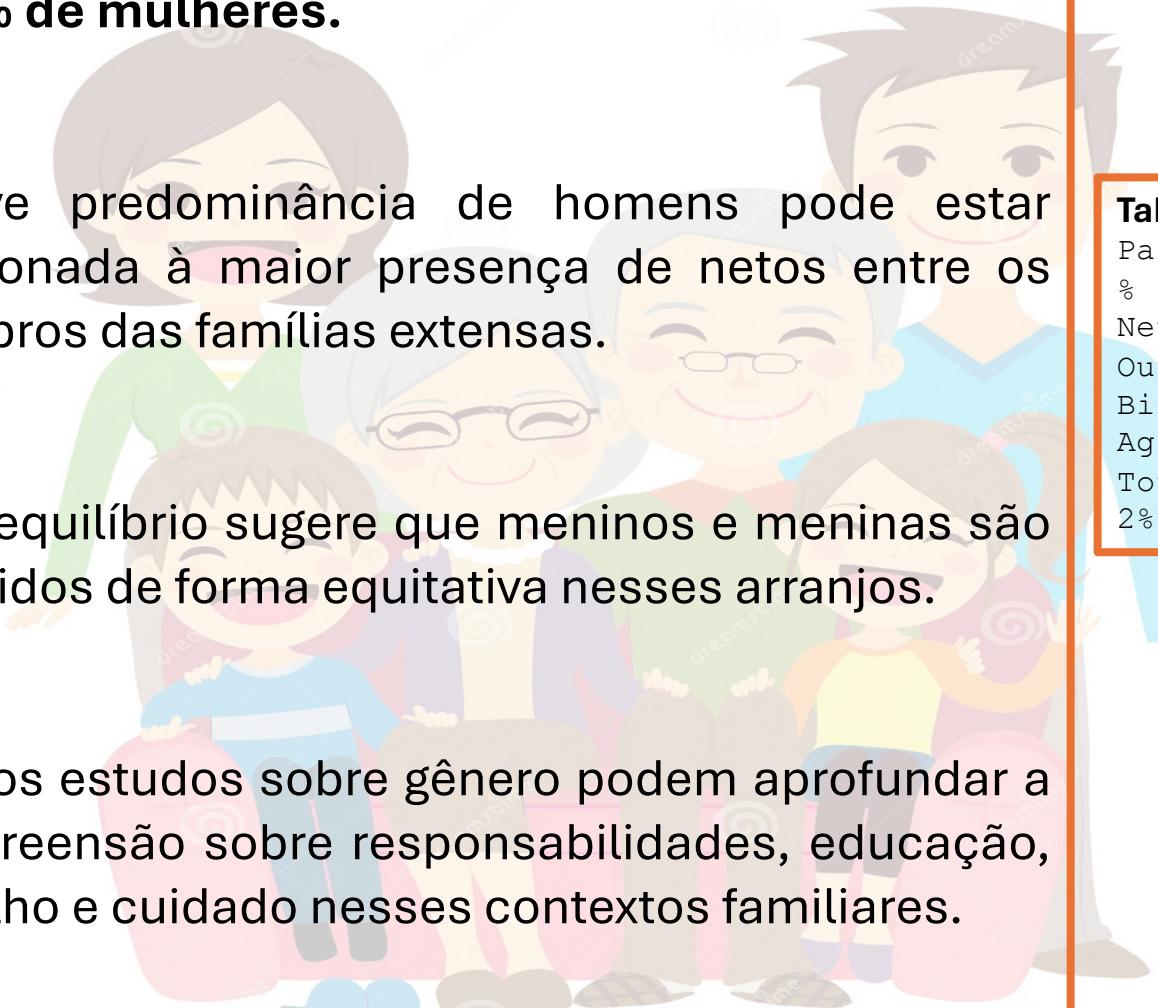
- **Cerca de 60% das crianças e adolescentes em famílias extensas tinham entre 0 e 9 anos, enquanto apenas 15,4% tinham entre 15 e 17 anos.**
- Essa participação decrescente, na medida em que a idade avança **pode refletir a maior necessidade de cuidado e proteção nas fases iniciais da infância, o que levaria à inserção em domicílios de familiares próximos, sobretudo avós.**
- Mas, pode indicar maior autonomia dos adolescentes mais velhos, que tendem a migrar para outros arranjos, inclusive institucionais ou moradia com amigos, ou sair do domicílio por motivos de trabalho ou constituição de família própria.
- **O vínculo de neto(a)** é predominante em todas as faixas etárias, reforçando o papel dos avós nos cuidados em arranjos familiares extensos.

Tabela 2 – Faixa Etária por Parentesco

Parentesco	0-4	5-9	10-14	15-17
Neto(a)	1.948.403	1.738.631	1.478.202	840.092
Outro parente	226.681	233.177	274.242	260.321
Bisneto(a)	128.480	86.748	22.228	8.371
Agregado(a)	14.806	20.526	31.604	17.437
Total	2.318.370	2.079.082	1.806.276	1.126.221
%	31,6%	28,4%	24,6%	15,4%
% na faixa	6,3%	6,8%	6,7%	4,2%

Sexo

- Os dados mostram uma composição por sexo praticamente equilibrada: **50,9% de homens e 49,1% de mulheres.**



- A leve predominância de homens pode estar relacionada à maior presença de netos entre os membros das famílias extensas.
- Esse equilíbrio sugere que meninos e meninas são acolhidos de forma equitativa nesses arranjos.
- Futuros estudos sobre gênero podem aprofundar a compreensão sobre responsabilidades, educação, trabalho e cuidado nesses contextos familiares.

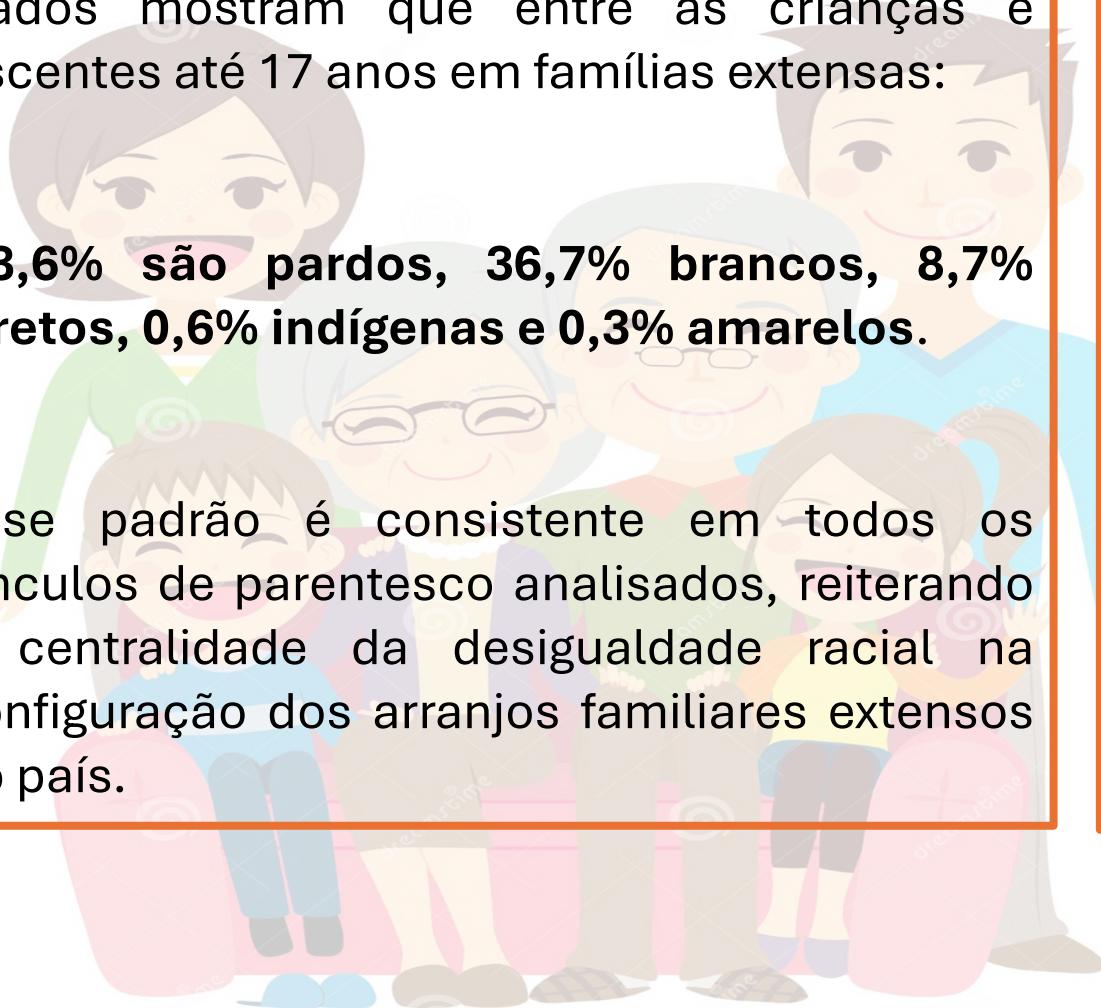
Tabela 3 – Sexo por Parentesco

Parentesco	Homem Qtde	Homem %	Mulher Qtde	Mulher %
Neto (a)	3.093.186	42,2%	2.912.142	39,7%
Outro parente	479.953	6,5%	514.467	7,0%
Bisneto (a)	119.798	1,6%	126.030	1,7%
Agregado (a)	40.000	0,5%	44.374	0,6%
Total	3.732.937	50,9%	3.597.013	49,1%
2%				

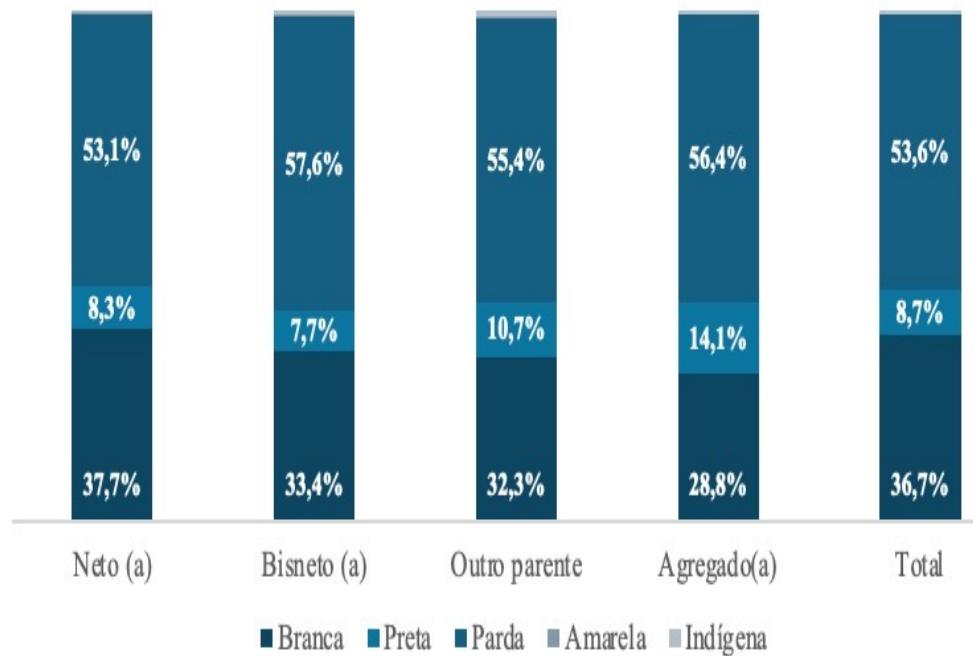
Raça/Cor

- Os dados mostram que entre as crianças e adolescentes até 17 anos em famílias extensas:

- 53,6% são pardos, 36,7% brancos, 8,7% pretos, 0,6% indígenas e 0,3% amarelos.
- Esse padrão é consistente em todos os vínculos de parentesco analisados, reiterando a centralidade da desigualdade racial na configuração dos arranjos familiares extensos no país.



Distribuição por Raça/Cor



Escolaridade

- Os dados **mostram que 68,5%** das crianças entre 6 e 14 anos e 71,4% dos adolescentes entre 15 e 17 anos em famílias extensas estavam cursando, respectivamente, o ensino fundamental e médio.
- Essas taxas são inferiores às médias nacionais: **94,6% (6-14 anos) no ensino fundamental e 75% (15-17 anos) no ensino médio.**
- Os dados **sugerem maior defasagem idade-série entre os que vivem em famílias extensas, possivelmente ligada à pobreza, vulnerabilidade social e desigualdades raciais.**
- Reforça-se a necessidade de políticas intersetoriais e de identificação desses arranjos nos registros educacionais para garantir equidade no acesso à educação.

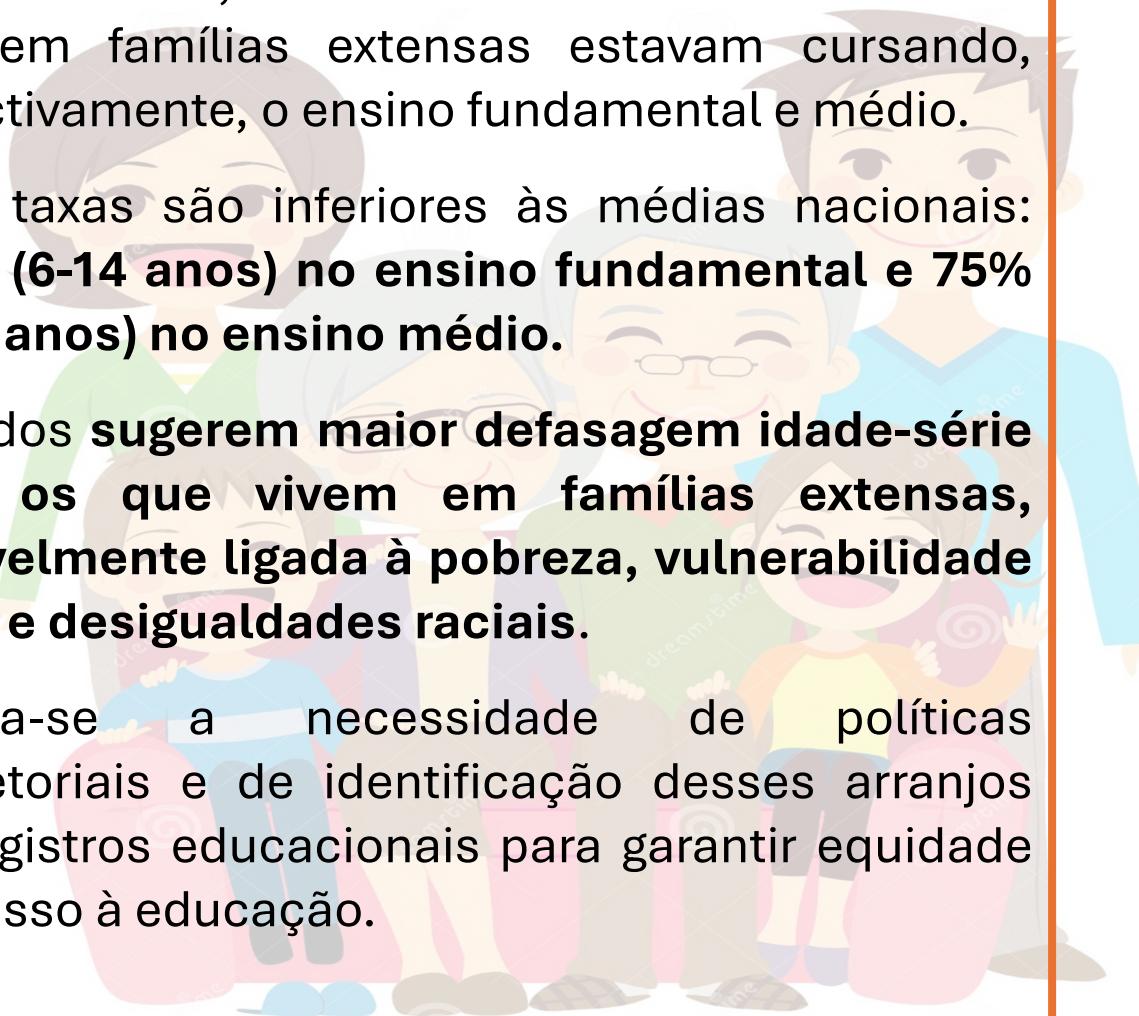
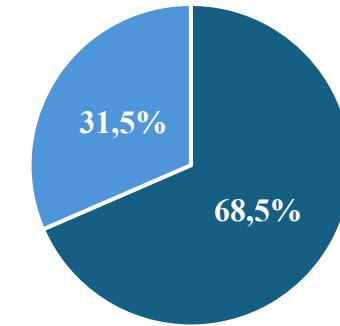
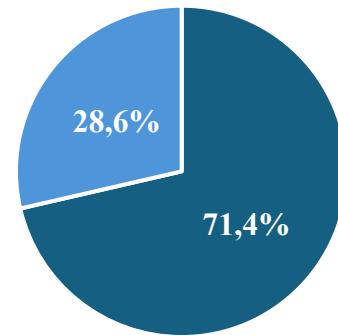


Gráfico 2 - População entre 6 e 14 anos em Famílias Extensas que Cursavam o Ensino Fundamental no Brasil (2023)



■ Cursavam o Ensino Fundamental
■ Não Cursavam o Ensino Fundamental

Gráfico 3 - População entre 15 e 17 anos em Famílias Extensas que Cursavam o Ensino Médio no Brasil (2023)



■ Cursavam o Ensino Médio ■ Não Cursavam o Médio

Rendimento Domiciliar

Alta concentração em contextos de vulnerabilidade

- Os dados mostram que **65,3% das crianças e adolescentes em famílias extensas vivem em domicílios com renda per capita de até 1 salário-mínimo.**
- Esses dados revelam uma forte associação entre pobreza e o tipo de arranjo familiar, indicando que a **família extensa pode também estar atuando como estratégia informal de proteção social.**
- Em muitos casos, o cuidado é prestado por **avós, parentes ou agregados em condições de privações materiais, com sobrecarga e sem suporte governamental adequado.**
- A presença de crianças em domicílios com mais de **5 salários-mínimos é quase residual (0,4%), o que reforça o caráter socioeconômico desse arranjo.**

Localidade	Neto (a)	Bisneto (a)	Outro parente	Agregado(a)	Total	%
Até ¼ salário mínimo	909.498	25.862	154.095	21.841	1.111.296	12,4%
Mais de ¼ até ½ salário mínimo	1.809.343	67.925	264.645	20.507	2.162.420	24,7%
Mais de ½ até 1 salário mínimo	2.067.211	110.828	349.645	23.872	2.551.556	28,2%
Mais de 1 até 2 salários mínimos	938.270	37.080	158.843	9.897	1.144.090	12,8%
Mais de 2 até 3 salários mínimos	164.248	3.451	40.888	5.347	213.934	2,2%
Mais de 3 até 5 salários mínimos	87.653	692	11.085	2.008	101.438	1,2%
Mais de 5 salários mínimos	29.343	0	15.259	905	45.507	0,4%

Proteção social informal diante da ausência de políticas públicas?

- A forte concentração de crianças e adolescentes em famílias extensas com baixa renda revela que esses arranjos podem estar funcionando como estratégias de sobrevivência em contextos de vulnerabilidade.
- Com recursos escassos e apoio institucional limitado, avós, outros parentes e pessoas próximas assumem o cuidado em condições de privações materiais significativas, o que acarreta sobrecarga emocional, financeira e física para os cuidadores.

Realidade invisibilizada entre os mais ricos

- Apenas 0,4% das crianças e adolescentes em famílias extensas vivem em domicílios com mais de 5 salários-mínimos per capita, revelando que esse tipo de arranjo é praticamente inexistente nos estratos de renda mais altos.

Implicações

- Esse cenário exige reconhecimento do papel social das famílias extensas e a urgente formulação de políticas públicas de apoio direto, como:
 - Valorização institucional desses arranjos no desenho das políticas sociais.

Distribuição Regional

- **21% das crianças e adolescentes de até 17 anos da região Norte** vivem em arranjos familiares do tipo família extensa ou com pessoas próximas — proporção bem superior à média nacional, que foi de **13,9% em 2023**.
- Esse padrão é seguido pelas regiões Nordeste (**17,1%**), **Sudeste e Sul** (ambas com **13,6%**) e **Centro-Oeste (13%)**.
- Estados com maiores proporções estão concentrados na região Norte, com destaque para:
 - Amapá: **23,4%**
 - Pará: **22,7%**
 - Amazonas: **22,3%**
- Esses dados apontam para a relevância estratégica da família extensa como espaço de acolhimento e cuidado nessas regiões, especialmente **diante de contextos com menor presença do Estado**.

Parentesco	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Neto (a)	884.482	1.985.484	2.087.304	595.985	452.073
Bisneto (a)	61.057	81.447	66.376	20.533	16.416
Outro parente	158.063	311.381	339.472	111.689	73.815
Agregado(a)	11.527	28.159	33.523	4.673	6.492
Total	1.115.129	2.406.471	2.526.675	732.880	548.796
% da População até 17 anos	21,0%	17,1%	13,6%	13,6%	13,0%

Distribuição Regional

Fatores Explicativos das Diferenças Regionais

- **Culturais e Históricos:** Em regiões como o Norte e partes do Nordeste, a solidariedade familiar e comunitária é historicamente mobilizada como estratégia de proteção de crianças em contextos de ausência dos pais.
- **Sociais e Estruturais:** Essas regiões têm **menor oferta de serviços públicos, especialmente de acolhimento institucional** ou programas de famílias acolhedoras. Com isso, a responsabilidade recai, muitas vezes, sobre avós, tios, madrinhas, vizinhos, ou outros membros da rede de apoio informal.
- **Ausência de suporte estatal:** Muitas dessas famílias atuam sem apoio jurídico, financeiro ou psicossocial, o que torna ainda mais urgente o desenvolvimento de políticas públicas específicas e territorialmente sensíveis.

Características das Pessoas Responsáveis: Uma Aproximação

Para compreender melhor quem são os responsáveis por domicílios que acolhem crianças e adolescentes em famílias extensas, recorremos aos dados **do Censo Demográfico de 2022**.

- Foram considerados domicílios com presença de netos, bisnetos, outros parentes ou agregados com até 17 anos, com foco no perfil do responsável principal e seu grau de parentesco com os demais moradores.
- Esses dados oferecem pistas valiosas sobre os arranjos familiares que sustentam o cuidado fora do núcleo parental direto.

Limitação metodológica importante

- Diferentemente da PNAD Contínua 2023, que estimou diretamente cerca de 7,3 milhões de crianças e adolescentes em famílias extensas, o Censo 2022 não apresenta esse número consolidado.
- Ainda assim, os dados do Censo são fundamentais para aprofundar o perfil de quem assume a responsabilidade por esses domicílios.

Gênero dos Responsáveis pelos Domicílios (2022)

Mulheres lideram os arranjos familiares extensos

Em 2022, 62,4% dos domicílios com crianças e adolescentes em famílias extensas eram chefiados por mulheres.

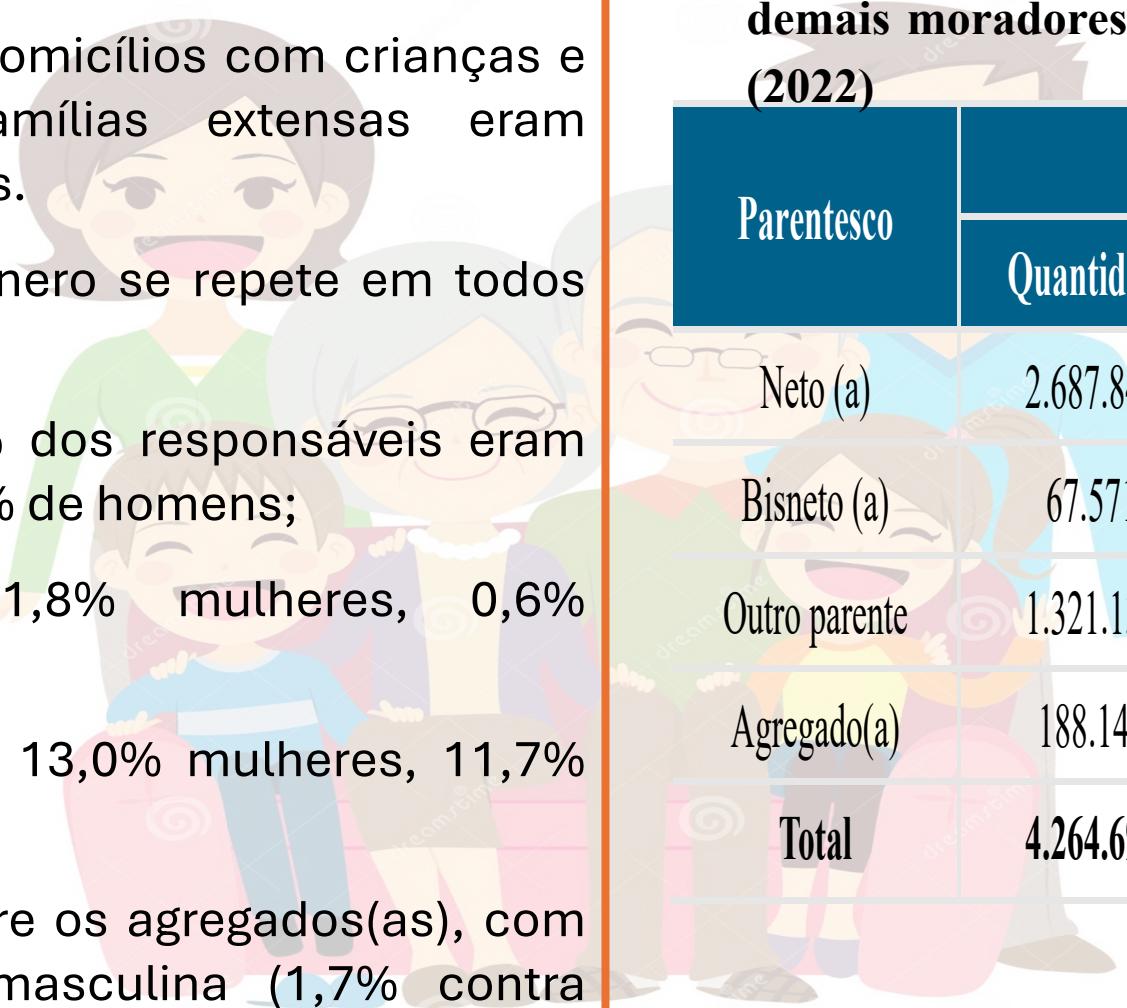
Essa assimetria de gênero se repete em todos os vínculos:

Com netos(as): 46,0% dos responsáveis eram mulheres, contra 23,7% de homens;

Com bisnetos(as): 1,8% mulheres, 0,6% homens;

Com outros parentes: 13,0% mulheres, 11,7% homens.

A única exceção é entre os agregados(as), com leve predominância masculina (1,7% contra 1,6%).



Sexo da população com 25 anos ou mais responsável principal pelo domicílio e grau de parentesco dos demais moradores em relação a essa pessoa no Brasil (2022)

Parentesco	Homem		Mulher	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Neto(a)	2.687.844	23,7%	5.212.018	46,0%
Bisneto(a)	67.571	0,6%	206.969	1,8%
Outro parente	1.321.131	11,7%	1.473.504	13,0%
Agregado(a)	188.144	1,7%	182.098	1,6%
Total	4.264.690	37,6%	7.074.589	62,4%

Gênero dos Responsáveis pelos Domicílios (2022)

Implicações

Esses dados reforçam o papel central que as mulheres, especialmente as avós e bisavós, exercem como cuidadoras principais em arranjos familiares extensos. Além disso, indicam que, mesmo entre os segmentos mais vulneráveis da população, recai sobre elas a maior parte do trabalho de cuidado, muitas vezes acumulando responsabilidades econômicas, emocionais e sociais no interior das famílias.

Idade dos Responsáveis pelo Domicílio (2022)

Cuidado intergeracional

- Os dados revelam que 49,8% dos domicílios com crianças e adolescentes em famílias extensas são chefiados por pessoas com 60 anos ou mais.
- Esse percentual sobe para:
 - 58,1% nos domicílios com netos(as),
 - 93,5% nos domicílios com bisnetos(as).
- O cuidado nesses arranjos é exercido majoritariamente por avós e bisavós idosos, reforçando o papel das gerações mais velhas como principal suporte familiar

Faixa etária da população com 25 anos ou mais responsável principal pelo domicílio e grau de parentesco dos demais moradores em relação a essa pessoa no Brasil (2022)

Parentesco	25 a 39 anos		40 a 59 anos		60 anos ou mais	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Neto(a)	144.825	1,8%	3.161.465	40,0%	4.593.572	58,1%
Bisneto(a)	75	0,0%	17.659	6,4%	256.806	93,5%
Outro parente	942.368	33,7%	1.176.234	42,1%	676.033	24,2%
Agregado(a)	105.796	28,6%	148.207	40,0%	116.239	31,4%
Total	1.193.064	10,5%	4.503.565	39,7%	5.642.650	49,8%

Idade dos Responsáveis pelo Domicílio (2022)

Raça/Cor dos Responsáveis pelos Domicílios (2022)

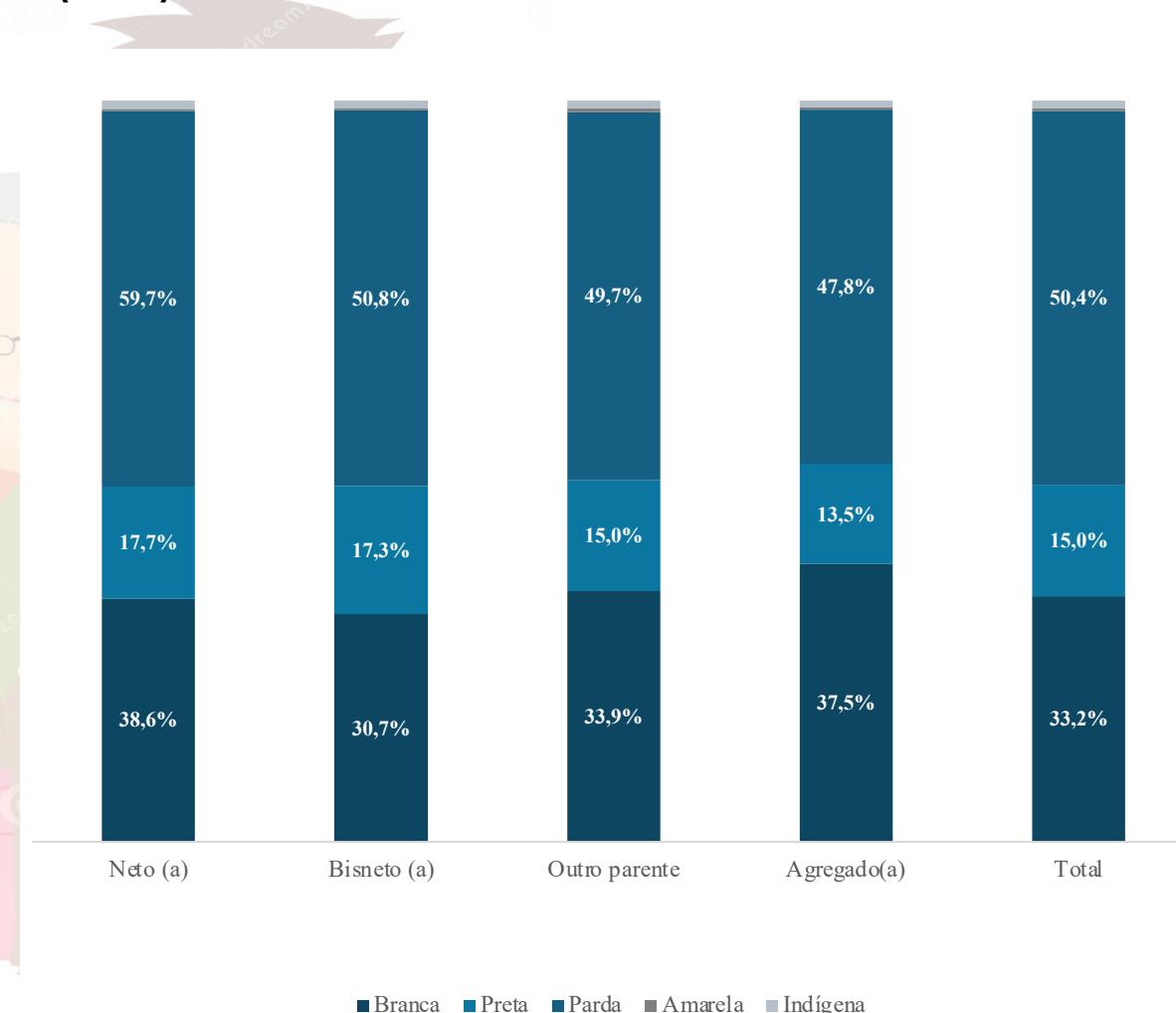
Desigualdade racial e cuidado compartilhado

- Dados do Censo 2022 mostram que 65,4% das crianças e adolescentes em famílias extensas vivem em domicílios chefiados por pessoas pretas ou pardas.
- Essa predominância revela a interseção entre raça e desigualdade social, evidenciando que o cuidado fora da família nuclear recai majoritariamente sobre grupos historicamente vulnerabilizados.

Diversidade cultural e organização comunitária

- Embora minoritárias nas estatísticas, a presença de responsáveis indígenas (1,1%) e amarelos (0,3%) destaca a pluralidade dos arranjos familiares no Brasil.
- Comunidades indígenas e quilombolas praticam formas próprias de cuidado coletivo, com base em parentescos ampliados, ancestralidade e solidariedade comunitária — formas legítimas de organização ainda pouco visibilizadas pelas estatísticas oficiais.

População com 25 anos ou mais responsável principal pelo domicílio, segundo raça e grau de parentesco dos demais moradores em relação a essa pessoa no Brasil (2022)



Idade dos Responsáveis pelo Domicílio (2022)

- Entre as com um idades dos povos originários os vínculos de solidariedade intergeracional, a ancestralidade e a noção de coletividade desempenham papel central na formação e sustentação de arranjos familiares extensos.
- Tais formas de cuidado compartilhado, enraizadas em experiências de resistência histórica, constituem expressões legítimas de modos de vida diversos que, no entanto, muitas vezes não são plenamente captadas pelas estatísticas oficiais, que tendem a refletir modelos familiares ocidentalizados e urbanos.
- É muito importante considerar, que os povos indígenas e quilombolas estão na raiz da formação da cultura brasileira, tendo contribuído significativamente para a construção de valores, saberes e formas de convivência coletivas que marcam a identidade do Brasil.
- Nesse sentido, as famílias extensas ou ampliadas, longe de serem exceções, fazem parte da nossa história social e precisam ser reconhecidas e contempladas nas formulações de políticas públicas voltadas à infância e à adolescência.

Considerações Finais: Rendimento Domiciliar das Famílias Extensas (2023)

Rendimento Domiciliar das Famílias Extensas (2023)

- Alta concentração em contextos de vulnerabilidade: 60,3% das crianças e adolescentes em famílias extensas vivem em domicílios com renda per capita de até 1 salário-mínimo.
- Esses dados revelam uma forte associação entre pobreza e o tipo de arranjo familiar, indicando que a família extensa vem atuando como estratégia informal de proteção social.
- Em muitos casos, o cuidado é prestado por avós, parentes ou agregados em condições de privações materiais, com sobrecarga e sem suporte governamental adequado.
- A presença de crianças em domicílios com mais de 5 salários-mínimos é quase residual (0,4%), o que reforça o caráter socioeconômico desse arranjo

Considerações Finais: Reflexões e implicações para políticas públicas

Rendimento Domiciliar das Famílias Extensas (2023)

- Os dados sugerem que o cuidado por famílias extensas não é uma alternativa apenas afetiva, mas também econômica: trata-se de uma resposta à ausência ou insuficiência de políticas públicas de proteção e apoio.
- A desigualdade de renda entre os arranjos evidencia que essas famílias sustentam o cuidado infantil com recursos muito limitados, o que reforça a urgência de políticas públicas direcionadas:
 - Transferência de renda sensível à configuração familiar,
 - Apoio psicossocial e jurídico aos cuidadores,
 - Reconhecimento formal nos registros e na gestão intersetorial.
 - É preciso garantir que o cuidado em família extensa seja uma escolha apoiada, e não a única saída viável diante da escassez institucional.



Muito obrigada!!!!

enid.rocha@ipea.gov.br